Faramea montevidensis (Cham. & Schltdl.) DC.

(cafeeiro do mato, café do mato, casco de vaca)

Família: Rubiaceae

Sinônimos: *Faramea coronata, Tetramerium montevidense*

Endêmica: sim[1]

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado, Mata Atlântica (Floresta Ombrófila)[1]

Recomendação de uso: Restauração

O café do mato pode atingir de 3 a 6 metros de altura. É uma espécie que aparece na forma de arbusto e cresce, preferencialmente, em regiões mais úmidas.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: -

Características gerais

Porte: altura 3.0-6.0m[2]

Cor da floração: -

Velocidade de desenvolvimento: -

Persistência foliar: Perenifolia[3]

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: -

Superfície do tronco: -

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Drupa)[2]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: -

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária tardia, Clímax[6,7]

Polinizadores: -

Período de floração: janeiro a fevereiro[2]

Tipo de dispersão: Zoocórica[3,6]

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: maio a setembro[2]

Associação simbiótica com raízes: -

Produção de mudas

Obtenção de sementes: -

Tipo de semente: -

Tratamento para germinação: -

Produção de mudas: -

Tempo de germinação: -

Taxa de germinação: -

Número de sementes por peso: -

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra[4,5]

Bibliografia

[1] JARDIM, J. G. Faramea. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 16 mai. 2013.

[2] GOMES, M. Faramea. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; MELHEM, T. S.; GIULIETTI, A. M. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: Instituto de Botânica, 2007. v. 5, p. 319-329.

[3] CAPPELATTI, L.; SCHMITT, J. L. Caracterização da flora arbórea de um fragmento urbano de floresta estacional semidecidual no Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisas, São Leopoldo, n. 60, p. 341-354, 2009.

[4] LINDENMAIER, D. de S.; BUDKE, J. C. Florística, diversidade e distribuição espacial das espécies arbóreas em uma floresta estacional na Bacia do Rio Jacuí, Sul do Brasil. Pesquisas, Série Botânica, São Leopoldo, n. 57, p. 193-216, 2006.

[5] TABARELLI, M.; MANTOVANI, W. Colonização de clareiras naturais na floresta atlântica no sudeste do Brasil. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 56-66, jun. 1997.

[6] GRINGS, M.; BRACK, P. Árvores na vegetação nativa de Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. Iheringia, Série Botânica, Porto Alegre, v. 64, n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2009.

[7] MANGUEIRA, J. R. S. A. A regeneração natural como indicadora de conservação, de sustentabilidade e como base do manejo adaptativo de fragmentos florestais remanescentes inseridos em diferentes matrizes agrícolas. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba. 2012.